

O *atelier* no jardim de infância - um estúdio de artes e relações

Raquel Maricato

SAI dos SASUC

rakamaricato@gmail.com

Joana Vila Nova

SAI dos SASUC

jbvilanova@gmail.com

Resumo

Nos Serviços de Apoio à Infância (SAI) dos Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra (SASUC), procurou-se a expansão das experiências e projetos de aprendizagem de adultos e crianças, através da dinamização exploratória de um *atelier* privilegiando-o, ao estilo de *Reggio Emilia*, como um estúdio de criações e relações entre pessoas, objetos (materiais e culturais) e linguagens expressivas múltiplas.

Com esta comunicação pretende-se dar a conhecer o contributo do *atelier* no percurso educativo das crianças dos SAI.

Os *atelieristas* surgiram a partir do envolvimento ativo e voluntário de alguns familiares das crianças que dispuseram os seus talentos, saberes e dedicação, comprometendo-se no trabalho educativo a desenvolver com as crianças, acompanhando-as em pequenos grupos, no *atelier*, apoiando-as na pesquisa de estilos e artistas plásticos, no seu processo criativo e de experimentação artística, de acordo com o projeto curricular desenvolvido e dando resposta às suas solicitações e motivações.

Atelieristas e educadores de infância cooperaram observando, planificando, dinamizando, avaliando e documentando, em equipa, a participação das crianças nos *ateliers*, garantindo que a sua voz é escutada e considerada nas planificações subsequentes.

Os *ateliers* desenvolvidos divulgaram-se à comunidade educativa através da exposição das obras das crianças e respetiva documentação do percurso criativo, constituindo parte integrante da vivência de partilha e comunicação de descobertas das crianças do jardim de infância (JI).

Palavras-chave: *atelier*, observação; participação; educação artística, parcerias com famílias

Abstract

At Child Support Services (SAI) of SASUC, we searched the expansion of experiences and learning projects for adults and children, by boosting a exploratory *atelier* privileging the Reggio Emilia style, as a studio of creations and relationships between people, objects (material and cultural) and expressive languages.

This communication intends to raise awareness of the contribution of the *atelier* on SAI's children educational journey.

The *atelieristas* emerged from the active and voluntary involvement of some families of the children who gave their talents, knowledge and dedication, committed in the educational work to develop with children, following them in small groups, at the *atelier*, supporting them in the research of styles and artists, in their creative process and artistic experimentation, according to the curricular project developed and responding to their requests and motivations. *Atelieristas* and childhood educators cooperated by observing, planning, streamlining, evaluating and documenting, as a team, the participation of children in *ateliers*, ensuring that your voice is heard and considered in subsequent planning.

The *ateliers* developed were disclosed to the educational community through the exhibition of works of children and its creative course documentation, constituting an integral part of the experience of sharing and communication of findings from the children of JI.

Keywords: *atelier*, observation; participation; artistic education, partnership with families

1. Introdução

Este relato pretende mostrar como, na comunidade educativa do Jardim de Infância dos Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra (JI-SASUC), se procurou a expansão de experiências e projetos de aprendizagem de adultos e crianças, através da dinamização exploratória de um *atelier* privilegiando-o, ao estilo de *Reggio Emilia*, como um estúdio de criações e relações entre pessoas, objetos (materiais e culturais) e linguagens expressivas múltiplas.

2. A Abordagem Reggio Emília

A abordagem *Reggio Emília*, que inspira e suporta as opções pedagógicas neste jardim de infância, concretiza-se numa “coleção de escolas para crianças pequenas, nas quais o potencial intelectual, emocional, social e moral de cada criança é cuidadosamente cultivado e orientado.” (Howard Gardner, 1999, p.x)

Para tal, o trabalho com as crianças assenta, primordialmente, nos seus interesses e curiosidades genuínas, reveladas nas múltiplas interações quotidianas como desejos de descoberta, e captadas intencionalmente pelos educadores para assegurar o seu aproveitamento e potencial educativo (currículo emergente). O currículo construído por crianças e adultos materializa-se em projetos onde são aprofundados conceitos, ideias e interesses, que surgem no/do interior do grupo. No decorrer de um projeto os educadores ajudam as crianças a tomar decisões acerca da direção do estudo, das formas pelas quais o grupo vai pesquisar o tema, os meios para representar e ilustrar o tema, e da seleção de materiais necessários para apresentar/representar o trabalho. A reflexão, avaliação e planificação em equipa são componentes essenciais e interdependentes do currículo emergente. Os educadores trabalham em conjunto para formular hipóteses das possíveis direções de um projeto, os materiais necessários e o possível apoio/envolvimento de pais/comunidade. As crianças são encorajadas a dialogar, criticar, comparar, negociar, colocar hipóteses e resolver problemas em grupo. Esta diversidade de perspetivas promovem o sentimento pertença ao grupo e, também, a singularidade de cada.

O papel dos educadores na *abordagem Reggio Emilia* é complexo. Se o educador é um aprendiz ao lado das crianças que pesquisa e mobiliza ferramentas diversas para a construção de conhecimentos é, também, um guia que orienta e capacita as crianças para a aprendizagem. O educador escuta cuidadosamente, observa, e documenta o percurso das crianças e também provoca e estimula o pensamento e a colaboração da criança com os seus pares para que pelo diálogo amplie e socialize a sua compreensão do mundo. Por sua vez, constitui-se como um investigador da própria prática que faz uso de todas estas informações para refletir sobre o seu próprio desenvolvimento profissional. O educador organiza é ainda desafiado, nesta construção curricular, a considerar e organizar meticulosamente o espaço, exponenciando o seu valor educativo.

A *abordagem Reggio Emilia* integra as artes como indutoras de desenvolvimento cognitivo, linguístico e social. A apresentação de conceitos e hipóteses através de múltiplas formas de representação – pintura, arte, construção, dramatização, música, teatro de fantoches, jogos de sombras – é vista como essencial para a compreensão da experiência pela criança. As crianças têm cem linguagens, inúmeras delas linguagens simbólicas. A documentação do trabalho da criança, em especial com recurso a esta pluralidade de linguagens/ formas de expressão e registo, é vista como uma oportunidade de tornar visível e expressivo o processo de aprendizagem das crianças, educadores e famílias, sendo usada como avaliação e suporte à planificação. (Edwards, Gandini & Foreman, 1999)

3. O *atelier* no jardim de infância dos SASUC – um estúdio de arte e relações

Em traços gerais, os princípios enunciados foram modelando as decisões curriculares que fomos progressivamente tomando no JISASUC, e quando em 2011, surgiu a possibilidade de frequentar, em Itália, na cidade de Reggio Emília, uma *Giornata de Studio e Scambio* encarámo-la como a oportunidade de confrontar teoria e prática, esclarecer dúvidas, validar práticas e, principalmente, refletir de que forma esta abordagem se vinha traduzindo no contexto específico do nosso jardim de infância.

Após o regresso de *Reggio Emília*, tivemos consciência do modo como esta jornada, repleta de constatações e provocações, iria mudar irremediavelmente a forma como encarávamos a infância e as práticas em educação de infância.

Entre as provocações que trouxemos estava a criação (premente) de um *atelier* no jardim de infância, como garante das cem linguagens da criança. Acreditávamos e continuamos a acreditar que se “as diferentes linguagens artísticas são meios de enriquecer as possibilidades de expressão e comunicação das crianças.” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.47) e se aprendizagens no âmbito da educação artística na educação de infância “assentam, essencialmente em atividades de expressão, fruição, experimentação e descoberta, que constituem pilares sobre os quais as aprendizagens futuras e a personalidade se vão edificar.” (Godinho & Brito, 2010, p.9), então, seria essencial nas tarefas da equipa educativa privilegiar “situações nas quais os processos criativos podem ser alvo de experimentação, crescimento e evolução.” (Edwards, Gandini & Forman, 2016, p.308).

A preparação de um espaço específico com uma diversidade significativa de materiais justificava-se para a sua demarcação e reconhecimento enquanto *atelier*. Levantavam-se simultaneamente inúmeras questões organizacionais que se prendiam com a gestão dos tempos e da própria constituição de grupos: “Quem vai hoje para o *atelier*?” “Qual o adulto que acompanha a experiência?” “Como desafiamos as crianças a viverem a experiência de *atelier*?”.

Retomámos a trajetória para delinear o novo itinerário... envolvendo crianças e adultos (educadores, auxiliares, estagiárias). Para desencadear o nascimento e evolução de ideias, visitámos uma exposição de um artista plástico no Centro de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC).

Associámo-nos às crianças na transformação de uma sala que era anteriormente destinada ao convívio de adultos. Mas, ao partir para esta transformação e compreender a sua finalidade, foi necessário perceber as concepções das crianças a este respeito, interrogando: *O que é um atelier? “É num sítio onde se pinta”. “Com lápis de cera.” “Uma casa para fazer desenhos”. “É um sítio para fazer projetos, como nós fazemos”. E para que serviria o atelier? “Há ateliers que servem para fazer colagens.”, “Para fazer pinturas, quadros.”, “Se calhar há ateliers que têm tecidos”, “Para fazer brinquedos como o atelier do Pai Natal.”, “Também há ateliers que se faz experiências até chegar às obras de arte.” E que materiais poderíamos encontrar em ateliers? “Tem lápis de cor”, “Pincéis”, “Cadeiras e mesas”, “E canetas!”, “Também há tintas”, “Há bolinhas cor de papel.”, “Gostava de ter cartolinas!”, “Sacos de papel., barro.”*

Como o espaço *atelier* seria comum a todos os grupos do Jardim de Infância, as crianças decidiram auscultar os interesses e perspetivas de todas as crianças de cada sala... *Vamos fazer uma entrevista!*

Após a entrevista, e com todas as informações necessárias para transformar o *atelier* num espaço de todos e para todos, realizaram-se esboços, refletiu-se sobre materiais, posição de móveis e planificaram-se tarefas que se distribuíram em grupos com diferentes objetivos. *“Eu quero pintar o móvel maior”, “Eu quero lixar. Posso pintar já?”, “Podemos por uma cartolina de cada cor nos buracos?”, “Eu acho que fica bem aqui a cor-de-rosa”.*

A transformação orquestrada por crianças e adultos culminou com a visita de um artista plástico que incentivou as crianças fruírem deste espaço.

Com um novo ano letivo a começar surgiu, nas reuniões de pais de início de ano, a possibilidade de estreitar ainda mais os laços entre jardim de infância e famílias, “encontrar um conjunto de possibilidades de os pais/famílias participarem ativamente no processo educativo do jardim de infância” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.19), contando, assim, com o envolvimento ativo e voluntário de alguns familiares das crianças, como *atelieristas*.

Iniciámos com dois *atelieristas* que dinamizavam o *atelier* duas vezes por semana, com pequenos grupos de crianças de todas as salas, apoiando-as na pesquisa de estilos e artistas plásticos, no seu processo criativo e de experimentação artística, de acordo com o projeto curricular desenvolvido e dando resposta às suas solicitações e motivações.

Em pleno projeto “A fantástica biblioteca do Sr. Valério”, que emergiu do tema da XVIII semana cultural da Universidade de Coimbra: “O Livro”, cruzado com questões, curiosidades, interesses e necessidades das crianças, foi criado, na entrada do jardim de infância, um espaço partilhado por crianças e adultos, que pretendeu recriar um ambiente de uma antiga biblioteca, procurando, simultaneamente traduzir-se num espaço de constante transformação e reinvenção.

Deste modo, em reunião de equipa educativa surgiu a proposta de explorar, no *atelier*, histórias já conhecidas pelas crianças que fazendo parte do seu imaginário infantil se assumiriam um meio de partilha e reinterpretação criativa entre elas.

Após uma chuva de ideias e um breve levantamento das histórias preferidas, junto de cada grupo de crianças, selecionaram-se: “O Grufalão” de Júlia Donaldson, “O Cuquedo” de Clara Cunha e as tradicionais “O capuchinho vermelho”, “Os três porquinhos”, “O João Pé de Feijão”, “O macaco do rabo cortado”, “A galinha ruiva” e a “A Carochinha”.

“A experiência artística pode ser vivida através de três formas distintas: através da execução (aplicando técnicas), através da criação (fazendo algo de novo) e através da apreciação (contactando obras de outros).” (Godinho, & Brito, 2010, p.10). Assim, a ideia inicial seria cada grupo de crianças, já conhecendo a narrativa de cada história, apropriar-se dela e reconstruí-la com diferentes materiais, inspirando-se em diferentes artistas plásticos, construindo um livro que não precisasse necessariamente de ser folheado para contar a história, possibilitando as três dimensões da experiência artística.

Na biblioteca do senhor Valério existiam livros sobre natureza, música, geografia, biologia,...e arte que se tornariam indutores dos diferentes projetos em *atelier*. Seria uma forma de criar uma ponte e de se articular o trabalho desenvolvido no *atelier* com o projeto a decorrer nas salas de jardim de infância: os livros das histórias selecionadas estariam disponíveis e livros que nos levariam aos artistas plásticos também.

Começou-se com o pintor Henry Rousseau que se ligaria diretamente à nossa abordagem na valorização do exterior. Acreditávamos que este nos ligaria à natureza, mas esquecemo-nos, como as crianças nos mostraram, que a fragilidade dos materiais que se degradavam com o simples manuseamento podia impedir uma manipulação constante e espontânea de uma ou mais crianças em simultâneo. Estes constrangimentos vivenciados durante o processo criativo fizeram-nos refletir e adaptar novas estratégias e desafios.

Prosseguimos com José de Guimarães. Português. Seria uma forma de partilha cultural e da riqueza que as suas obras transparecem dos diferentes países de língua portuguesa. O livro indutor era de uma poesia de Álvaro de Magalhães e de ilustração de José de Guimarães: “Isto é que foi ser”. O texto e a primeira análise das ilustrações foram exploradas em contexto de grande grupo, posteriormente, em pequenos multiprojetos, em contexto de *atelier*. E as crianças foram conhecendo a linguagem artística de José de Guimarães: “Gosta desenhar pessoas.”, “Olhem para este... este senhor tem um braço grande e outro pequeno.”, “Parecem umas asas!”, “É um bocadinho estranho... o José de Guimarães às vezes não desenha o corpo todo! Se calhar não teve tempo para acabar!”, “Usa muitas cores.”, “São fortes... as cores.”.

A análise dos diferentes grupos sobre o livro indutor levantou algumas questões por parte das crianças: Quais as cores utilizadas por José de Guimarães? Porque é que os desenhos parecem inacabados? Serão retratos construídos por elementos soltos?

Os *atelieristas* acompanharam as crianças neste processo de descoberta. “Ele era um artista.”, “Fazia «construturas».”, “Ele criou um alfabeto.”, “Para toda a gente perceber.”, “No alfabeto tinha cabeças. Cabeças diferentes, de pernas e de braços.”, “Só faz um olho... quando desenha de lado.

Vigotsky diz-nos que “no fomento da criação artística infantil, incluindo a representativa, há que observar o princípio da liberdade como premissa indispensável para toda a atividade criadora. Isso significa que as aulas de arte devem partir exclusivamente dos próprios interesses das crianças.” (1986, p.103). Assim, inspirados no “alfabeto” de José de Guimarães, as crianças manifestaram interesse em criar o seu próprio “alfabeto. “Precisamos de cabeças de pessoas.”, “Uma cabeça... é para a cabeça do macaco.”, “E de pernas.”, “E também de braços.”

Este é um processo em que *atelieristas* e educadores de infância cooperam observando, planificando, dinamizando, avaliando e documentando, em equipa, a participação das crianças nos *ateliers*, garantindo que a sua voz é escutada e considerada nas planificações subsequentes.

A descoberta de José de Guimarães não se limitou à bi-dimensionalidade “Ele pintava e fazia estátuas com pasta de papel.” As pesquisas em família e a predisposição para aprender, permite que as crianças se integrem numa perceção do mundo através da descoberta e da investigação. Partilhas de notícias e curiosidades chegavam a cada

semana. Seria agora essencial abrir portas para novas explorações e ampliar os processos cognitivos e estéticos com novos materiais. As esculturas de papel poderiam ser o próximo passo! Contudo, tornava-se importante provocar as crianças no processo de elaboração de pasta de papel e conhecimento do ciclo do papel, conjugando o valor da criatividade com o do pensar e do saber. Porque não explorar a pasta de papel em folha? Este era o percurso do bidimensional para o tridimensional. Este era o itinerário que as crianças construíam e provocavam nos *atelieristas*.

Cada grupo de crianças passava pelo processo de organizar temporalmente a história, definindo a sequência e criando esboços das personagens e possíveis cenários, decidindo que técnica utilizar.

Em simultâneo, outros grupos descobriam Matisse recriando diferentes histórias. As tesouras, diferentes tipos de papel e um livro sobre Matisse foram indutores para esta outra aventura. *“O Matisse desenhava muito bem.”*, *“Ele pintava com tesouras.”*, *“Fazia formas com tesoura e pendurava nos quadros.”*, *“Primeiro ele estudou”*, *“Depois estive muito doente, com uma apendicite e a mãe deu-lhe coisas para pintar.”*, *“E descobriu que era isso que gostava de fazer.”*, *“A mãe achou bem, mas disse que ele devia pintar coisas diferentes.”*

A partilha constante entre os diferentes grupos, fez com que as crianças percecionassem e identificassem os dois artistas por forma a sugerirem *“E se o Matisse utilizasse o alfabeto de José de Guimarães?”*. *“Usámos um papel especial que copiava o que desenhávamos, porque ele tinha formas que pareciam iguais como o alfabeto do José de Guimarães.”* *“Pois, é o papel químico.”*

Todo este processo de apropriação de técnicas usadas pelos artistas plásticos possibilitaram o reinventar das histórias que ganharam novos cenários e significados, enriquecendo a biblioteca do sr. Valério.

Cada história foi reeditada num livro não convencional, elaborado em contexto de *atelier* mas que perspirou para fora de portas, ajudando a *“conectar linguagens expressivas por todo o espaço da escola”* (Gandini, Hill, Cadwell & Schwall, 2012, p.25). Os *ateliers* desenvolvidos divulgaram-se à comunidade educativa através da exposição das obras das crianças e respetiva documentação do percurso criativo, constituindo parte integrante da vivência de partilha e comunicação de descobertas das crianças do JI.

Os percursos de todos os envolvidos (crianças, famílias e *atelieristas*) saíram, igualmente, enriquecidos.

4. Conclusão

Com esta retrospectiva profissional reforçamos a consciência, como advertiu Veia Vecchi, que será ingénuo pensar que é suficiente instalar um estúdio e instituir um *atelierista* para que o *atelier* transforme o Jardim de infância. Diz a autora que “temos que ir para lá dos materiais e das técnicas para parar e olhar para os processos de empatia e interação com as coisas que o *atelier* promove.”(2010, p.12),

O *atelier* foi, genuinamente, para a equipa e comunidade educativa um estúdio de artes e relações, que pela abertura ao universo artístico permitiu a criação de afinidades, o estímulo a visões não convencionais, inconformistas e mesmo poéticas da realidade, num crescendo de processos cognitivos, emocionais e imaginativos integrados que ampliaram e complexificaram o conhecimento de todos os envolvidos, acentuando na cultura e prática profissional da equipa o entusiasmo pela inovação que a infância merece (e exige) e que o *atelier* incessantemente possibilita.

Referências bibliográficas

- Edwards, C., Gandini, L., Foreman, G. (1999) *As cem linguagens da criança. A abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed.
- Gandini, L., Hill, L., Schwall, C., (org) (2012) *O papel do ateliê na educação infantil*. Porto Alegre: Penso
- Howard Gardner, (1999) Prefácio – perspectivas complementares sobre Reggio Emília. Em: *As cem linguagens da criança. A abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed.
- Godinho, J. C., Brito, M. J. (2010) *As artes no jardim de infância. Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: ME/DGIDC
- Lopes da Silva, I., Marques, L., Mata, L., Rosa, M. (2016) *Orientações Curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: MEC/DGE
- Vecchi, V. (2010) *Art and Creativity in Reggio Emília. Exploring the role and potential of atelieres in early childhood education*. Nova Iorque: Routledge
- Vigotsky, L. (1986) *La imaginación Y el arte en la infancia*. Madrid: Akal